OLIVA GUERRA

2.ª EDIÇÃO

1926

ENCANTAMENTO

DA MESMA AUTORA:

Os grandes mestres do piano (Conferência), 1919.
Espirituais (versos), 1922.
Encantamento (versos), 1.ª edição, 1926.

TIP. DA «PORTUGALIA»
R. DO «DIARIO DE NOTICIAS», 44, 2.º
LISBOA

Oliva Guerra

ENCANTAMENTO

2.ª EDIÇÃO

LISBOA

1926

ENCANTAMENTO

Olho a vida em redor e, deslumbrada,
Cedo á magia do seu vasto encanto
Neste livro buscando, canto a canto,
Dar-lhe a expressão mais forte e apaixonada.

Puz nestes versos um orgulho santo
— O orgulho de vencer meu proprio nada.
E assim toda a minha alma se ergue e brada
Em tudo o que, orgulhosa, neles canto.

Não encontrei o verso mais perfeito
De cujo sonho a dentro do meu peito
Sinto o domínio bem neste momento.

Mas nesse anceio d'ir mais longe, a vida
É mais bela aos meus olhos, à medida
Que a vejo à luz do meu encantamento.

EXALTAÇÃO

ASPIRAÇÃO

QUANDO se ama, um desejo nos invade
De encontrar a expressão, o verbo, o grito
Com que tudo que ha na alma seja dito
Num clamor que transponha a imensidade.

O coração, num vôo de ansiedade,
Para exprimir o que tem dentro escrito
Busca o sentido exacto do Infinito
E moldes em que atinja a Eternidade.

Porém a voz, exangue e amortecida,
Em silêncios que vão além da Vida,
Queda-se inerte no seu próprio sêr.

E, murmurando apenas sons banais,
Nós sentimos que é sempre muito mais
Aquilo que nos fica por dizer.

DESAMOR

No relógio de bronze, lentamente,
Tombam as horas numa chuva mansa.
Esvai-se em névoas que o mistério alcança,
Nos longes do que fui, outro eu ausente.

Calou-se em nós o instinto da lembrança.
Já não falamos. Tristes, frente a frente,
Mergulhamos num êxtase inconsciente
Ignorando o porquê d'esta mudança.

Damos as mãos numa frieza calma.
Nossos olhos, descendo ao fundo d'alma,
Vão perscrutando tudo que morreu.

E é tão igual o nosso pensamento
Que, absorvido no mesmo esquecimento,
Sinto o teu coração bater no meu.

SEMPRE

Em vez d'um *àmanhã* mais venturoso
Que os meus dias esperam devagar,
Só vejo sôbre mim sempre passar
Um mesmo *hoje* banal e duvidoso.

Cansou-me a alma já de tanto esperar...
Olhando ao longe pelo Além saudoso,
Procuro, ardente, êsse *àmanhã* glorioso
Em que a luz de *ontem* voltarei a achar.

Perco do Tempo a percepção divina
Nesta ansiedade atroz que me domina,
Buscando reacender o extinto lume.

E o Tempo, indiferente ao que passou,
Prende-me a alma sempre ao mesmo vôo
Que num esperar contínuo se resume.

ENCONTRO

CHEGÁMOS tarde, meu amor, bem vês.
É tarde já para o cantar dos ninhos.
A sombra cai na volta dos caminhos.
Veste já tudo crepes de viuvês.

Rumo diverso temos d'ir, sòzinhos,
Seguindo àparte em íntima aridez.
Em torno à vida vamos ser talvez
Ambos perdidos como dois cèguinhos.

Talvez um dia, ao longo da Saudade,
Dos tempos d'hoje, incertos de ansiedade,
Em nós reviva a chama transitória.

Então as vozes mortas do Passado
De novo o sonho que em nós foi sonhado
Repetirão nos ecos da memória.

ABSORPÇÃO

DEIXAI passar nas praias da saudade
Da onda amarga o soluçar profundo.
Deixai que volte ao leito negro e fundo,
No seu vai-vem eterno de ansiedade.

Deixai passar, transpor a imensidade,
Cortando em ansias pelo azul sém fundo,
Num exaltado vôo sobre o mundo,
O arrôjo do tufão na tempestade.

Deixai passar em áspera corrida
As ilusões, o amor, a luz, a vida
Num desfilar efémero e tristonho...

Que embora o mundo em cinzas vãs se perca,
Indiferente a tudo que me cerca,
Eu vou passando absorta no meu sonho.

SILENCIO

VEM, meu amor, assim, mais devagar...
Repousa sôbre a minha a tua mão.
Vem ouvir nestes ecos de emoção
O que em silêncio em nós anda a falar.

Palavras que recalca o coração
Ha tanto que as andamos a guardar!...
E das que a voz consegue articular
Quantas ainda sem sentido estão!

Tanta coisa dissémos, meu amôr!...
Tanta coisa deixámos por dizer!...
Mas, mais do que as palavras que dissémos,

Erguem-se em nós numa expressão maior,
Como uma voz de mágico poder,
Os supremos silêncios que vivemos.

ÊLE

O espaço é cheio do seu vulto amado.
Olho-o em tudo, em toda a parte o sinto.
Mais do que o vê, pressente-o o meu instinto
No seu anceio eterno de inspirado.

O seu perfil, clarão jámais extinto,
Por tudo o que me cerca é revelado.
Fechando os olhos, sigo-o lado a lado
Numa ilusão em que a mim própria minto.

E assim, fitando-o em tudo, eu vou tentando,
O àlém das formas vãs interrogando,
O meu amado ao mundo revelar.

Mas quem poderá vê-lo a não ser eu,
Quem, se *êle* para todos se escondeu
No misterioso Álém do meu olhar?

A DÔR

A dôr é a mais forte realidade
Que no correr da vida a gente aprende.
Qual beijo eterno que se não desprende,
Vive comnosco em estreita afinidade.

Se a visão da ventura nos suspende
Num momento liberto de anciedade,
Logo nos busca a bárbara saudade
Dos seus braços fatídicos de duende.

As dôres são diversas, desiguais...
— Grandes algumas, outras mais pequenas
Na escala do sentir e do viver.

Mas a maior, a que nos fere mais,
É sempre d'entre todas uma apenas:
Aquela que acabamos de sofrer.

MOCIDADE

SINTO bem que me foge a mocidade.
Mocidade... ilusão!... Quem me diria
Que assim tão cêdo em mim vacilaria
Esta luz que me vinha de outra idade!...

Fui já na mão de Deus clara harmonia,
Senti roçar por mim a Eternidade.
Mas na embriaguês funesta da ansiedade
Vivi a vida inteira num só dia.

Por sôbre mim o tempo foi volvido
Sem que do seu delírio o vão sentido
Eu haja penetrado bem sequer.

Mas o que mais me dóe no que me foge
Não é já esta dôr do que sou hoje.
— É só a dôr do que não pude ser

PEQUENAS COUSAS

TEEM um poder estranho de magia
Certas humildes, pequeninas cousas
Feitas de hesitações embaraçosas,
Que o amôr esboça quando principia.

Essas cousas subtis e milagrosas
A pouco se resumem, todavia:
Di-las o olhar suprindo em cada dia
Palavras que em nós morrem silenciosas.

E é condão nosso a gente só viver
Na eterna sujeição dêsse poder,
Curvando-lhe a sorrir a alma vencida.

O enleio faz-se cada vez maior...
E essas cousas pequenas, sem valor,
Prendem às vezes para toda a vida.

DESTINO

Não sei que estranha voz em mim se ergueu
Depois que em meu caminho te encontrei.
Não sei que alto poder, que ignota lei
Todo o meu ser a essa voz rendeu.

Íntima voz que em êxtase escutei,
Que em longes de mistério se perdeu,
Em fatais ressonâncias prescreveu
O que a dentro da vida ora serei.

Suspensa do meu sonho, ignoro tudo.
Tudo mais, ao redor, se tornou mudo
E para mim findou quando te vi.

Mas hoje uma luz nova em mim desponta,
Que essa voz à minha alma um rumo aponta
Guiando-me, num grito, para ti.

VERBO ESTRANHO

DENTRO em mim, por um signo singular,
Uma voz sem ser minha, arqueja e canta.
E só eu sei quanta tristeza, quanta
Nessa voz em meu peito anda a cantar.

As vozes que essa voz em mim levanta
São vozes que eu não posso decifrar.
São delírios de amor em que, a vibrar,
Sinto atávicos gritos na garganta.

Voz que a bater no meu coração pões
O ritmo inquieto de outros corações,
Onde cantou a estrofe do pecado,

Tu és em mim, talvez sem o saberes,
A voz fatal de todas as mulheres
Que morreram sem nunca ter amado.

HORA ETERNA

EXISTE em todos nós, secretamente,
O misterioso anceio de atingir
Um momento feliz que ainda há-de vir,
Mas que em nossa alma vive permanente.

Essa hora suprema, resplendente,
Que em toda a nossa vida passa a rir,
Revela-se-nos sempre no porvir
Como um filtro a atraír-nos o presente.

Hora fugaz, intensa, desvairada,
Visão febril, jámais realizada,
Duma ventura ideal e apetecida,

É hora que ninguem jámais alcança
Porque até mesmo o tempo quando avança
Guarda-a, deixando-a eterna em nossa vida.

A MINHA FÉ

SEGUE num passo fatigado e estreito
Ao longo da minha alma, o meu desejo.
Calada esfinge, a olhar, nada mais vejo
Neste deserto enorme do meu peito.

Ave cativa que ao calor dum beijo
Tentasse erguer um vôo mais perfeito,
Meu sonho um dia foi em ruinas feito,
Quebrando as azas no audacioso adejo.

Porém em mim nem tudo é morto ainda
— Que o meu desejo não findou nem finda
Sem que se apague a febre em que me exalto.

E d'êle um dia há-de brotar por fim
Um novo sonho que há-de erguer-se em mim
Cantando audaz e cada vez mais alto.

QUARTA BALADA DE CHOPIN

Que branda luz se esparge na alvorada
Do doce murmurar do tema vagaroso!...
Scismam estátuas, almas desmaiadas,
Por entre as ramarias encantadas
Dum sombrio jardim misterioso!...

*

Um lamento se eleva do teclado.
Que paz!... Não sentes?...
Queixume resignado
De alguem que muito amou

E, sempre a amar, tivesse prolongado
Pelas idades fóra
O eco eterno dalguma inolvidavel hora,
As notas, num delírio,
Vão desvendando
Trémulamente, como à luz dum círio,
Os contornos dum sonho vago e brando
Que um visionário em êxtase sonhou...

*

Mas eis que se ergue em ondas clamorosas
O grito da desgraça...
Não vês?... O drama vai passando.
E na crescente anciedade
Da esperança aniquilada,
Em rajadas agrestes, angustiosas,
Perpassa
A soluçar, na voz da tempestade,
Aos pedaços, uma alma revoltada...

*

Depois ainda um cristalino riso,
Sombra talvez de risos já passados,
Prende de novo o nosso encantamento

Iluminando os longes da harmonia...
Dormem no ar frémitos apagados
Que, num lampejo excepcional,
Vão pouco a pouco
Sumir-se, num silêncio de magia,
No turbilhão final.

*

Submissos ao mistério
Que paira em torno a nós,
Olhamo-nos calados...
Que pensamos, amôr? Que estranha voz
Nos fala a medo assim nesta balada
Num timbre de penumbra indecifrado e aério?...

*

É quasi noite
E sob a luz de eflúvios poderosos
Do teu profundo e caricioso olhar,
Os meus dedos extáticos, cansados,
Abatem sôbre as teclas, silenciosos,
Seu vôo de ave errante e tresloucada
....
E, longamente, ficam-se a sonhar...

PRIMAVERA

NUMA dolência ascética de outono
Longos dias chorei, num abandono,
Vivendo a minha escura imperfeição.

Em trágicos silêncios de anciedade,
No jardim solitário da Saudade
Errei, buscando sombras de emoção.

Rendida ao fatalismo dessa mágua,
Meus olhos afoguei em ondas de agua,
No coração calando inquietas âncias.

E ao chão curvando a fronte esmaecida,
Numa atitude triste de vencida,
Eu fui seguindo ao longo das distâncias.

Meu gesto de renúncia insatisfeita,
Palpando a vida efémera e imperfeita,
Nem tentou já sequer prendê-la assim.

Fui angústia dispersa e dôr errante.
Desvairei sôbre o abismo dum instante,
Julgando tudo findo para mim.

Mas tu bateste um dia à minha porta
— E um novo sol, sôbre uma luz já morta,
Seu grito de oiro ergueu no meu céu escuro.

Foi um clarão aceso e exaltado
Que, dispersando as cinzas do Passado,
Me iluminou os longes do Futuro.

Cessou então em mim toda a agonia
E eu sinto que hoje alguem meus passos guia
Nesta senda de luz que ando a trilhar.

De novo a estrela d'alva da Ventura
As coisas ao redor me transfigura
Ferindo num afago o meu olhar...

Senti um bater de azas no meu peito
E o meu deslumbramento foi perfeito
Quando o teu sonho ao meu se revelou:

Aprendera a fazer já frente à Dôr
— Que a isso me ensinara o teu amor
Na hora em que à minha alma se entregou...

E hoje o que foram ermos outonais
É espaço aberto às azas da Chimera:
Canta em meu peito uma ilusão a mais.
Renasce em mim, de novo, a Primavera.

EXALTAÇÃO

Foi só por teu amor, foi só por ti
Que eu dei à vida o seu sentido exacto.
Por ti foi que eu senti ao seu contacto
A certesa final de que vivi.

Foi com os olhos postos nessa luz
Que eu fui seguindo ao longe, estrada fóra.
E senti que essa chama redentora
Seria o meu triunfo e a minha cruz.

Do que êsse amor me trouxe em agonia
Não quero maldizer neste momento.
Só pela glória dêsse sofrimento,
Tudo, de novo, ainda sofreria.

Tive impulsos ardidos de ambição.
Vivi as horas altas da anciedade:
Nas crenças de mais dúbia realidade
É que se exalta mais o coração.

Eis-me, hoje, emfim, vencida e sem memória
Do que seja na vida já vencer.
Trago a florir na noite do meu ser
Clarões finais de chama transitória.

Dei-te o meu coração num desatino
Cantando sempre para me embalar.
Cantar é o meu dever. Hei-de cantar
Emquanto o teu amor fôr meu destino.

Por ti sòmente a vida profundei,
Senti em mim o ritmo do Universo.
E se eu própria palpito em cada verso
É que a ti sempre todos consagrei.

Devo-te tudo, em ti tudo aprendi.
A própria morte já não me intimida.
E já que assim me revelaste a vida,
Deixa que ao menos morra eu por ti.

TRÊS DATAS

1 DE JANEIRO DE 1924:

DOBADOIRA DOS ANOS

Ano que passa, sonho que findou,
Ilusão morta, nunca renascida,
Ultmia folha, para sempre lida,
De um livro mais que a mão de Deus fechou.

Ano que chega, asa a tentar vôo
Sôb a abóbada azul desconhecida.
De lindos sonhos ponto de partida...
Mal nos sorriu, já tudo iluminou:

Dois instantes que, eternos, marcarão
Os dois polos da nossa aspiração
Sob o signo da Esperança e da Saudade...

Dois instantes são poeira de segundos,
Mas cabe neles o hálito dos mundos
—Que de instantes é feita a Eternidade.

6 DE JUNHO DE 1924:

VIANA DA MOTA

OUVISTE a voz do mar no àlém da solidão
E guardaste-a, a vibrar, no fundo do teu peito.
Sentiste o vento ao longe em vôo mal sujeito
E com êle pulsou teu grande coração.

Feriu-te entre o clamor febril da multidão
A voz fatal do Poeta, em sonho insatisfeito.
De cada coração batendo em cada peito
Ressoou um eco em ti de múltipla emoção.

Dêsses gritos, porém, tua alma fez um grito
E dêle um sonho em flôr, vasto como o Infinito
Que a tua Arte modela em harmonias calmas...

Por isso é que nessa arte o encanto é tão profundo,
Por isso é que há disperso em ti um grande mundo,
Oh! alma que contêns a alma d'outras almas.

DOMINGO DE PASCOA DE 1925:

RESSURREIÇÃO

FLORIRM sonhos novos já na terra.
Palpitam seivas ébrias de anciedade.
E o sól a arder no azul da imensidade
Afoga o mundo em luz, de serra a serra.

Nesta embriaguês febril que tudo invade,
A criatura humana em sonhos erra.
Erguendo as mãos, seu intimo descerra
Numa fala que a prende à divindade.

A carne, a sombra vã, desaparece
Na mística humildade desta prece,
Que um amôr voca a toda a aspiração.

E só a voz das almas nos revela,
Como um clarão de vida em cada estrela,
Em cada peito uma Ressurreição.

PORTUGAL

A ALDEIA

PELA estrada deserta,
Deixando vagamente adivinhar
O rasto duma sombra ainda desperta,
O sol lança o olhar
Alvoroçado, a faiscar de febre.
A aldeia dorme ainda.
E os sons que vão abrindo, vagarosos,
A tímida corola do seu hino,
No extático sorrir da Naturesa
Cravam-se diafanos e duvidosos,
Amanhecendo em reza
Á luz do sol que vai erguer-se a pino.

Meio dia. A aldeia dorme ainda
Na paz abençoada
Duma sesta bem ganha e conquistada
Por toda uma manhã de labutar.
Abelhas zumbideiras,
Ebrias do azul extático e profundo,
Em derredor das eiras
Vagueiam no silêncio religioso.
E o sol na altura, como braza enorme,
É um deus supremo erguido em seu altar
Que, a afogar tudo num olhar fogoso,
Vai calcinando o ceu de lés a lés
E lança a sua benção sobre o mundo
Que num torpôr se lhe amesquinha aos pés.

É lusco fusco. O sol tombou cansado
Qual lutador na arena
E, em convulsões de côr,
Ao derredor
Entorna
Sua alma heroica onde um mistério arde
E onde agonizam todas as saudades,

Que andam dispersas pela terra inteira.
Noras plangentes gemem nas herdades
Concertando na placidês da tarde
Sua cadência morna
Ao chiar dos carros que pelos caminhos
Acordam ninhos
Seguindo lentos para o povoado.
Manuel do Moinho, o mais namorador
Das moças do logar,
Vai recolhendo o gado...
Mas junto à igreja fica-se a olhar
Certa moça trigueira
Que vem falar-lhe sempre àquela hora
Ás escondidas do «senhor reitor»...
E a tarde cai num desmaiar plangente.
E a lua branca como a hostia santa,
Subindo vagarosa do nascente,
Num gesto largo e protector,
Envolve os noivos num clarão de prata
E, na mudês abstrata
Do torpôr em que tudo se quebranta,
Abençôa e consagra aquêle amôr...

É noite velha. Amortalhando a aldeia,
Seu fluido veu suspende a lua cheia,
D'encontro à sombra escura recortando

Vagos perfis de coisas silenciosas.
Cresce o mistério em volta...
E emquanto pelo ar andam esvoaçando
Sonambulos delírios de perfume,
Onde arfa a alma languida das rosas;
Emquanto nos terreiros,
Scismando nos seus longos cativeiros,
O olhar nostálgico dos bois
Toma tons dúbios de resignação;
Emquanto a paz da noite, extática, infinita,
Abraça mudamente o abismo da amplidão;
Suspira um beijo d'entre as ramarias...
E, muito de mansinho,
A voz ardente do Manuel do Moinho
Cicía uma palavra feiticeira
Saltando a furto o muro do quintal
Daquela moça trigueira,
Que à hora linda das Ave-Marias
Todos os dias
Lhe vem falar ao adro
No costumado... *encontro casual*...

LISBOA

LISBOA... Ceu azul, outeiros altos,
Berço de luz sobre o mar
A embalar
Sôbre um pedestal firme de granito...
Grande janela aberta
Sobre os confins do Infinito...
Princesa enfeitiçada
Que ao nascer, numa hora ainda incerta,
Por influxos divinos,
Foste fadada
Para largos, esplendidos destinos...

Lisbôa, sonho enorme que um gigante,
Como um brinquêdo, arremessou ao mar
E onde a voz das memórias a falar
Tem ecos de epopeia já distante!

Ébria de sol, cantante de pregões,
Pareces, oh! feérica cidade,
Na graça com que teus adornos pões,
Uma donzela linda
A quem um certo geito de humildade
Mais alindasse ainda.

O teu rio enigmatico e saudoso
Em volta dos rochedos,
Não diz doces segredos,
Conta mistérios sem fim.
Á luz do luar, do sol ou das estrelas
É um tapete azul de oiro e setim
Que um dia Deus, num gesto milagroso,
Te foi lançar aos pés
Para nele ensaiar a intrepidês
Das prôas das caravelas.
Caminho que leva ao mar

Por ignotas vias,
Nele andam hoje ainda a flutuar
Como um severo apelo
As asperas, as rudes profecias
Do velho do Restelo.

Em tuas noites cavas, misteriosas,
No fundo dos jardins abandonados,
Têm as estátuas brancas, silenciosas,
Vagos gestos de espectros fatigados
Scismando longamente no passado...
E no lôbrego ambiente das vielas
A voz triste do *Fado*
Grita soluços vís de barbaria
Pela voz das guitarras fatalistas,
Emquanto o luar, mais belo do que o dia
Noutras terras bem menos venturosas,
É um pálido Pierrot lançando rosas
Por sôbre a tua fronte pensativa...

Lisbôa das vitórias e conquistas
Aonde o sol, numa carícia viva,
Á uma faz cantar todos os ninhos
E é um manto de pregas luminosas

A aquecer a nudês dos pobresinhos...
Lisbôa de ternura mais que humana
Onde a velha Saúdade lusitana
Mais intensa doçura inspira e cria...
Não sei que encanto me seduz em ti,
Lisbôa do meu sonho adolescente,
Que só pela magia
Do teu perfil extático e oirescente
A desfiar minhas rimas aprendi.

Pátria de Santo António e de Camões,
Teu signo é tão simbólico e cristão
Que — eu adivinho —
Até o ceu que cobre teus brazões
É feito dum retalhinho
Do manto azul sem igual
Da Virgem da Conceição,
Madrinha de Portugal.

Velho sino da Sé
De timbre gasto já pelo roçar dos anos
Que, triste, tens dobrado
Pelas dores e pelos desenganos
Do pobre Portugal

E tanta vez também em teus estos de fé,
Num clamor triunfal,
As suas glórias tens assinalado...
Oh! porta de Martim por onde entrou um dia
Toda a alma da raça portuguesa
Com os olhos na cruz, já na certesa
Da estrada vitoriosa onde êla a guiaria...
Outeiros onde o sol o olhar descança
No momento dramático da morte
E em cujo verde, com subtis cuidados,
Foi talhado o pendão côr da esperança
Da Ala dos Namorados...
Coisas mortas, passadas, seculares,
Uma vida resurge a cada instante
Do vosso mudo ser interior.
E é tão grande o poder que existe em vós
Que até eu própria, quando a sós
Na minha evocação distante,
Escuto as vossas falas singulares,
Me julgo também morta e resurgindo
Para a vida das coisas que em redor
Vejo irem do passado reflorindo.

COIMBRA

SINTO-TE em mim, cidade de magia,
Sinto-te em mim na paz contemplativa
Desta penumbra aveludada e fina
Que, como uma ambrosia,
A alma me penetra e nela aviva
Visões em que o meu sonho se confina.

Paisagem de vitral
Onde anda o esquecimento errando à tôa
E onde a graça da luz anda suspensa
Num ascetismo de extase claustral,

Eu sinto-te nos ermos do meu ser
Como uma evocação serena e bôa
Daquele azul verão de S. Martinho
Em que numa anciedade inconfessada,
Te vi erguer
Pela primeira vez no meu caminho.

Vi-te e absorvi-te toda em meu olhar,
Como se em mim quizesse decalcar
O teu perfil exangue de fantasma
Para o sentir assim na minha vida
Nesta visão constante de que pasma
A minha própria alma recolhida.

Oh! lírica atmosfera
Onde andam mudamente
Subtis revelações
Pairando num sonambulo abandono,
Na tua luz desfolha-se em surdina,
Numa constante evocação fiel,
A musica divina
Do milagre das rosas de Isabel...

Ancoradouro místico do sonho,

Oh! Coimbra de romantica paisagem,
Em ti intimamente recomponho
Vagas imagens, vultos medievais
A que tu prestas uma vida morta.
Anda o nome de Inês no hálito da aragem
Peregrinando nupcias espectrais
A que o teu próprio seio se reporta...
E os séculos murmuram orações
No silêncio espectral das águas mortas
Que no teu rio, extáticas e absortas,
Vão cadenciando oitavas de Camões...
E nas curvas longinquas do scenário
Por ti passam lembranças desfiadas
Como nas mãos ascéticas, fanadas,
Duma noviça, as contas dum rosário...

Coimbra, meu sonho azul dum dia bom,
Oh! minha aurora dum perpétuo dia
Que em mim ha de viver emquanto eu viva,
Resando em voz remota uma elegia,
Cujo perdido som
É como a voz dum sino melancólico
Ecoando nas quebradas da memória,
Deixa que em teu extático regaço
Repouse a minha fronte pensativa
Num silêncio de dúvida e cansaço,

Porque em minha avidês divinatória
Eu sinto em mim, depois que mal te vi,
Numa anciedade cada vez maior,
Endoidado de amôr,
Meu coração fugindo para ti.

CINTRA

O sonho da montanha!...
Febre d'altura a consumir a terra,
Força escondida e estranha,
Sempre crescente, a arremessar a serra
D'encontro às nuvens numa ambição tonta!...

Como ela sobe, a curva donairosa,
Fundindo numa altura já sem conta,
Na lucidez da abóbada de anil
A linha definida e vitoriosa
Do extático perfil!...

Oh! Cintra, oh! Cintra cujas fontes resam
A elegia perpétua das distancias
Em vozes que já são
Ecos perdidos doutras resonancias;
Montanha ideal em cujos flancos pesam
Cansados séculos de Tradição;
Terra d'encantos onde o olhar vislumbra
Florestas ungidas de mistério,
Granitos afogados em penumbra,
Festas de luz,
Sombras de cemitério...
Oh! terra d'entre todas mais amada,
Berço da minha infancia,
Tu és dentro da minha própria vida
Uma saúdade materializada
Que eu vejo sempre a florescer unida
Ao meu passado eternamente vivo,
— Doce passado
A evocadores traços desenhado
Pelo meu coração contemplativo
Nos longes esfumados da distancia...

Na vertigem solene das alturas,

Donde olhas para àlém dos horizontes,
Em meio do silêncio desvairado
Das noites abismáticas, escuras,
Num gesto de convulsa exaltação
Ergues o teu perfil de aparição
Oferecendo as cristas dos teus montes
Ás ruinas dum castelo abandonado,
Que olham de longe um estranho paço real,
Onde moram a lenda e a maravilha,
— Fantástico castelo erguido de maneira
Que ao longe se diria tal e qual
Uma aguia prisioneira
Em ousada, sortilega armadilha.

Oh! paisagem espectral, dramática paisagem,
Onde os vales ao longe se adelgaçam
Em frémitos remotos de voragem,
Numa vaga de sombra as coisas afogando....
Onde os montes scismando pela altura
Soluçam num rumor, de quando em quando,
Elegias amargas da lonjura...
Onde o silêncio e a solidão se enlaçam
Nomistério das longas avenidas,
Tantas vezes — quem sabe? — percorridas
Por aqueles em cujo coração,

Como num ninho arfante,
Talvez fosse a viver avidamente
A essência eterna da ilusão...
Paisagem ondulante
Em cujo movimento se presente
Um fremito de vaga,
Sorvido na caricia azul do mar
Que de longe, onde mal já atinge o olhar,
Tuas sêdes atavicas apaga...
Em cujos secos e asperos rochedos
Passa o delírio bárbaro do vento,
Seus trágicos segredos
Longamente bramindo
Num súplice lamento
Que os ecos ficam, tristes, repetindo
Na lividês da noite, espaço em fora...
....

Pudesse eu ser um pouco de ti própria,
Paisagem que a minha alma rememora,
Pudesse eu num acaso momentâneo
Viver todo o teu sonho subterrâneo
E as tuas fundas vozes entender,
Para que assim, sentindo-te bem perto,
Por um gesto do meu instinto, ao certo
Eu pudesse algum dia descobrir
Se sou eu que em teu seio ando a viver,
Se és tu que em meu olhar andas a rir...

Eu quizera o meu corpo unír ao teu
Na hora em que deixasse de existir
Para ficar assim, sôb o teu céu,
Eternamente, para àlém da vida,
No meu eterno sonho a proseguir...

Eu quizera poder folhear comtigo
O grande livro aberto
Dos tempos que lá vão:
Ouvir falar dum rei que teve o frio abrigo
Do teu velho, fantástico palácio
Em nove anos febris de cativeiro
— Pobre cativo, em cujo fragil peito
Sempre, porém, um triste coração
Soube pulsar liberto
Para amar o grilhão com que, traiçoeiro,
A perfidia subtil dum feminino olhar,
Morbidamente, o conservou sujeito...

Quero vêr desfilar, sonambulo de glória,
Ao toque de clarim duma ambição,
O Rei-Saúdade, o sonhador fatal

Que uma derrota eternizou na História,
El-Rei D. Sebastião,
O rei mais português de Portugal,
Que em teu ninho de sofrega espessura
Foi meditar a trágica aventura
Onde êle morreu, «sim, mas devagar»,
— No seu dizer fatidico e inspirado. —
Tão devagar, que ainda ha corações
Para os quais, do mistério das ficções,
De novo um dia ainda ha de voltar
O lendário Encoberto Desejado...

Quero subir ao alto dos teus montes
Para, alongando os olhos sôbre o mar,
Lá no mistério azul dos horizontes
Poder, num presentir maravilhado,
De novo nos meus dias avistar
Formosas caravelas do passado
Navegando entre as brumas da aventura,
Como aquelas d'outrora
Que a tua velha sombra rememora
E o prestígio dos tempos transfigura...

Oh! Cintra, oh! viuva extática do Além,

Oh! duendica floresta, ascética oração
Que a terra envia ao céu num gesto d'ascenção,
Onde em ecos sem fim,
No grito das tempestades,
Até nós vêm
A soluçar «Saúdades»,
Na voz dos rouxinois, a voz de Bernardim...
Oh! Cintra, oh! monja doente,
Entre nós ha qualquer analogia:
Quando à tarde se acendem as estrelas
E no abraço final do sol poente
Se afoga a luz do dia,
Como o teu, meu olhar também procura
Para àlém do passado, caravelas
Lançadas desde muito a descobrir,
Por entre o que já foi e o que ha de vir,
Vastos mundos de sonho e de ventura...

Em ti e em mim ha espessos nevoeiros
Com o condão supremo e evocador
De aureolar dum encanto superior
Largas visões, histórias encantadas
De moiras, fadas, reis e cavaleiros
Que andam longe, a viver àlém da lenda...
E quanta vez em noites socegadas,

Á luz febril dos corpos siderais,
Coada pelas nuvens feitas renda,
Numa saúdade muda e concentrada,
Ficamos eu e tu, a vista extasiada,
Olhando ao longe o que não volta mais...

....
....

Cintra, deixa que eu fique a reviver em ti,
Junto ao teu velho sonho de granito,
Tudo que fui, que tive ou que perdi.
Ergamos ambas, ébrias d'Infinito,
Pela amplidão que a custo já se avista,
Nossa ambição tocando o azul do céu
Numa mesma anciedade eterna de conquista...
E quando, emfim, bem juntas, tu e eu,
Houvermos decifrado a voz desta anciedade
Que em nós reza a elegia da Saúdade
No perpétuo fluir dum cantico tristonho,
Então, numa sonambula mudês,
Ouvindo o rouxinol de Bernardim,
Ao longo do futuro, ambas talvez,
Numa quietude extática, sem fim,
Ficaremos sonhando o mesmo sonho.

INDICE

TRÊS DATAS

PORTUGAL